

Vozes Femininas do Sarau Noturno:

representações e olhares femininos no Cemitério da Caridade, em Bagé (Rio Grande do Sul)

Female voices from Sarau Noturno: representations and feminine views in the Cemetery the Santa Casa de Caridade, in Bagé (Rio Grande do Sul)

RESUMO

Este artigo analisa a construção das personagens femininas no Projeto Cultural Sarau Noturno, criado em 2008 para sensibilizar a sociedade de Bagé (Rio Grande do Sul) sobre as riquezas patrimoniais existentes no Cemitério da Santa Casa de Caridade. Entre 2008 a 2019, o Sarau Noturno ofereceu apresentações que destacaram a importância histórica e artística da necrópole e os elementos escultóricos que evidenciam diferentes visões sobre a mulher. As apresentações enfocaram tanto visões embasadas em valores conservadores associados à perspectiva positivista da mulher, tida como guardiã da moral e símbolo de perfeição, como as que representavam mulheres que se posicionaram contra o conservadorismo patriarcal e se tornaram protagonistas de seus destinos.

Palavras-Chave: Representações femininas – Arte cemiterial – Cemitérios – Sarau Noturno, Bagé/RS

ABSTRACT

This article analyzes the construction of female characters in the Sarau Noturno Cultural Project, created in Bagé (Rio Grande do Sul, Brazil) 2008 to raise awareness of local society about the heritage lying in the cemetery of Santa Casa de Caridade. Between 2008 and 2019, the Sarau Noturno offered presentations that highlighted the historical and artistic importance of the necropolis, and the sculptures revealing different representations of women. The representations express conservative and positivist values that show women as guardians of morality and symbols of perfection, as well as show women who took a stand against patriarchal conservatism and became protagonists of their destinies.

Keywords: Female representations – Cemetery art – Cemeteries – Sarau Noturno – Bagé / RS

* Doutora em História do Brasil, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente e pesquisadora na Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, sendo também coordenadora do Curso de História na mesma instituição. CV: <http://lattes.cnpq.br/4600253785089001>



Aos cemitérios são associados imagens e sentimentos de dor, luto e desolação. Mas, ao olhar atentamente seu acervo escultórico, descobrimos símbolos e representações que descrevem histórias das famílias e de personalidades, que ali repousam em sono eterno. Ariès destaca que, com o passar do tempo, os cemitérios perderam gradativamente seu aspecto mórbido e desolador, para se transformar em locais de convivência e sociabilidade. Tornaram-se guardiões da cultura e da memória de seu povo, por conservarem os restos mortais de figuras ilustres (Ariès, 1982, p. 578-579). Queiroz salienta que os cemitérios não foram criados somente para abrigar os mortos, mas para apreciação dos vivos, sendo: “concebidos precisamente para ser visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época” (Queiroz, 2008, p. 7).

Tais argumentos nos permitem afirmar que os cemitérios constituem importantes espaços de memória, como museus a céu aberto e espaços culturais que proporcionam um desenvolvimento de pesquisas, passeios e eventos culturais. A partir dessa premissa, foi organizado o projeto cultural *Sarau Noturno* (2008), com origem no *Projeto História através da Arte Cemiterial*, desenvolvido no Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp), fruto de investigações nos túmulos, jazigos e mausoléus do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, Rio Grande do Sul (RS), cujos dados contribuíram para a construção do roteiro histórico. A fundação do cemitério data de 1858. A partir de então, com o passar dos anos, ele cresceu e formou um acervo escultórico de grande riqueza e simbolismo, tanto por seu valor artístico como por refletir a mentalidade e história local.

O *Sarau Noturno* foi criado com o objetivo de aproximar a comunidade local da riqueza presente no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. Para tanto, foi construído um roteiro de apresentação que narra a história de personagens locais. O início ocorre no portão central, depois adentra a necrópole e se desenvolve na caminhada pelos principais túmulos e mausoléus. O público é convidado a acompanhar um roteiro de visita.

Ao longo do processo de pesquisa e construção textual, os estudantes da Urcamp envolvidos com o projeto passam a conhecer a história local e as representações simbólicas da arte cemiterial. Além dos textos acadêmicos estudados para compor a investigação sobre história e patrimônio cultural, passaram a conhecer também obras da literatura universal, como as de Charles Baudelaire, George Sand, e Lord Byron, além de peças de William Shakespeare e Aristófanes. A construção do roteiro visava integrar textos da literatura universal com a história local, com busca no passado de elementos capazes de auxiliar na composição da obra contemporânea. A partir da concepção do “ir e vir”, dos símbolos e representações do passado expressos na arte cemiterial, cria-se uma reconfiguração de atributos e estilos, do clássico ao moderno, por intermédio da sobreposição de valores culturais reordenados (Lyotard, 1993).

O projeto foi iniciado com a participação de acadêmicos dos Cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Farmácia, Pedagogia e Fisioterapia. Atualmente consiste em um projeto de ensino e cultura do Curso de História, aberto à participação de alunos(as) dos distintos cursos da Urcamp. No momento, atuam nas apresentações do projeto quinze acadêmicos(as) dos cursos de Direito, História, Arquitetura e Jornalismo, com faixa etária entre 18 e 29 anos.



Dentre os temas encenados no Sarau Noturno, destaca-se o referente às representações femininas na arte cemiterial do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. No presente artigo, o Sarau Noturno é abordado sob a perspectiva da construção dos personagens femininos. Para tanto, o artigo está organizado em três partes: a primeira conta com uma breve história da cidade de Bagé e seu principal cemitério; na segunda, uma contextualização da mulher no Rio Grande do Sul no período da República Velha (1889-1930), cujos modelos representativos são expressos na arte cemiterial; e na terceira consta uma construção dos personagens do Sarau Noturno, sua importância para a história e para a formação das acadêmicas, dos cursos de bacharelado e licenciatura da Urcamp.

A cidade de Bagé e o Cemitério da Santa Casa de Caridade

A história da cidade de Bagé tem início com a colonização do Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XVII. A partir desse período, ocorreram tempos de luta e paz. O passado da cidade é perpetuado em prédios públicos, documentos antigos, nos contos e representações do imaginário popular, configurando uma autoimagem local (social, política, econômico e cultural) ao longo do tempo. Uma das características sobre sua origem e posição geográfica é destacada por Elaine Tonini Bastianello:

O surgimento desta cidade está ligado à instalação de um acampamento militar, na encosta do cerro à margem do Arroio Bagé, em 1811. Nessa época, os seus campos já eram ocupados por estancieiros para a criação de gado. Esta região, por ser de fronteira, sempre ocupou posição estratégica na política e na defesa do território nacional. Por essa razão, desencadeou-se muita afinidade entre os militares e seus habitantes (Bastianello, 2010, p. 43).

Essa especificidade se fez presente na construção de sua autoimagem como região fronteira, conservadora e militar. Compreendido enquanto “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si” (Pesavento, 2004, p. 43), esse imaginário pode ser visto como capaz de atribuir sentido e perfil à comunidade da campanha do Rio Grande do Sul, inclusive o povo bajeense.

A identidade histórica foi construída por meio de representações e ações do passado, arquétipos e símbolos herdados, presentes no cotidiano contemporâneo, que são reinterpretados pelo imaginário popular, com o objetivo de dar sentido às suas relações e sua vida, variando conforme o grupo social e momento histórico. Tanto a identidade como o imaginário são caracterizados como fenômenos coletivos, sociais e históricos. Ortiz afirma:

toda identidade é uma construção simbólica (a meu ver necessária), o que elimina as dúvidas sobre a veracidade do que é produzido. Dito de outra forma não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (Ortiz, 1994, p. 8).



O apogeu econômico de Bagé ocorreu na segunda metade do século XIX, estimulado pelo ramal ferroviário que ligava a cidade ao porto de Rio Grande, dinamizando o escoamento da produção agrária. Segundo Boucinhas (1993), o crescimento da economia local foi tamanho que, entre os anos de 1891 a 1940, existiam cinco charqueadas de grande porte.¹ Estas se diferenciavam das demais charqueadas, por possuírem base escravista por contarem com mão de obra assalariada, utilização de maquinário, condições sanitárias e aprimoramento técnico (Soares, 2006). Em 1897 foi fundada a Charqueada de Santa Thereza por Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, que seria considerada um símbolo da modernidade para o período. A modernização impulsionada pelo desenvolvimento das charqueadas proporcionou melhorias no município, como a introdução do telefone, do cinema, do automóvel e de feiras de exposição (Liemeszeki, 1997).

O município de Bagé construiu seu “projeto civilizador” alicerçado no desenvolvimento da indústria charqueadora, que proporcionou crescimento urbano registrado nos prédios públicos, nas suntuosas casas e palacetes, e nos túmulos e mausoléus de mármore de Carrara presentes no cemitério local. Essas arquiteturas urbanísticas e cemiteriais foram produzidas por marmorarias de Montevidéu, Gênova e Porto Alegre, que hoje pertencem ao patrimônio cultural do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé.

Em um artigo publicado no *Jornal da Manhã*, de 27 de setembro de 1951,² o historiador bajeense Tarcísio Taborda afirma que, conforme o crescimento e as necessidades da cidade, foi necessária a transferência do cemitério para outro local. Passou por três regiões diferentes³ até a inauguração do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, em 1858, após deliberação da Câmara Municipal.⁴ Trata-se de um cemitério que, com o passar do tempo, foi destinado à elite local (Cerqueira e Bastianello, 2018, p. 381), abrigando os restos mortais de figuras notórias da sociedade:

Cemitério com catacumbas. O padre Cândido Lúcio de Almeida, recém-chegado deu-lhe a benção. Ficava, pois, inaugurado. Inaugurado o cemitério de Bagé. Cemitério que começou simples e pobre. Cemitério que hoje é enriquecido por sepulturas magníficas e artísticas. Cemitério que guarda Heróis da Pátria. Heróis da caridade. Heróis do Ensino. Heróis de Batalhas inúmeras. Cemitério onde repousam nossos antepassados (Taborda, 2015, p. 69).

Atualmente, na segunda década do século XXI, o cemitério possui um conjunto de sepulturas de invejável valor histórico, com seu acervo contando com túmulos e mausoléus

¹ Propriedades rurais nas quais eram produzidos o charque, através do processo de desidratação da carne salgada.

² Informação publicada na coletânea de artigos. Cf. Taborda (2015).

³ Sua primeira localização foi atrás da Igreja Matriz de São Sebastião. Depois foi para terrenos da esquina da Rua General Osório com a Rua 3 de fevereiro. Por fim, passou para a esquina da Avenida 7 de setembro com a rua Marechal Deodoro (Garcia *apud* Taborda, 2015, p. 68)

⁴ Conforme salienta Eliane Tonini Bastianello “os deslocamentos realizados nos cemitérios de Bagé sempre estiveram a cargo da Câmara Municipal, pois em todas as épocas foi esta que deliberou sobre os cemitérios públicos. Foi por intermédio dessa casa que o presidente da província concedeu o auxílio de 3000\$000 réis, para a construção, em 1858, do quarto cemitério público, que se consagrou como definitivo: o Cemitério da Santa Casa de Caridade” (Bastianello, 2010, p. 46).

das famílias tradicionais e de heróis cívicos que participaram da Revolução Farroupilha⁵ e da Guerra do Paraguai.⁶ Esse cemitério guarda uma parte da história da “rainha da fronteira”,⁷ que pode ser contada por seus ancestrais, das representações simbólicas e pela releitura de fatos históricos promovida pelo imaginário social, fruto das características identitárias de suas origens e formação. Esse acervo contém significativas representações femininas amplamente difundidas pela doutrina positivista.

A educação das mulheres no Rio Grande do Sul

A história do Rio Grande do Sul foi marcada por períodos de protagonismo e retrocesso na atuação feminina. Um exemplo do protagonismo feminino ocorreu na Revolução Farroupilha (1835-1845), na qual as mulheres romperam com as regras impostas e substituíram seus maridos na liderança dos negócios e administração das estâncias. Essa liderança resultou na independência das mulheres e no desenvolvimento de suas potencialidades culturais e intelectuais (Flores, 1989).

Tempos depois, já na República Velha, no Rio Grande do Sul (1889-1930), contudo, o potencial intelectual feminino foi objeto de repressão, pela mentalidade machista e conservadora, ressignificada pelo positivismo de Auguste Comte. Nesse período, a educação feminina sofreu retrocesso, tanto da perspectiva intelectual e cultural como profissional, pois o Positivismo, em sua moral conservadora, legitimou a mentalidade que limitava a mulher ao espaço privado. Ela era educada para exercer as funções de esposa, mãe e orientadora dos filhos. Deveria ser a rainha do lar, a guardiã da moral e o anjo tutelar de sua família.

A doutrina positivista de Auguste Comte teve influência marcante na história do Rio Grande do Sul. Seus momentos iniciais são de 1882, quando Júlio de Castilhos fundou o Partido Republicano Riograndense (PRR), adotando a filosofia comteana expressa na obra *Política Positiva*, para dar sustentáculo doutrinário capaz de garantir a disciplina e coesão do partido. Conforme Boeira, não ocorreu uma simples transposição da doutrina de Comte para sociedade rio-grandense. Segundo o autor, coexistiam três tipos de ideologias positivistas nos anos de 1870 a 1930: o político, o difuso e o religioso. O político consistiu em uma releitura das ideias de Auguste Comte por Júlio de Castilhos, com objetivo de resolver as necessidades imediatas e os projetos a longo prazo, tornando-o mais direto e flexível de ser entendido pelo público politicamente relevante. Ficou conhecido como Positivismo Castilhista ou Positivismo Heterodoxo. O difuso unia a releitura castilhista com o comteano e o cientificismo evolucionista, chegando ao alcance de todos por jornais, revistas, palestras, conferências e dos símbolos e representações presentes da arte fachadista e cemiterial. Já o religioso seguia a doutrina da Religião da Humanidade, também nomeado de Positivismo Ortodoxo, servindo de

⁵ A Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos ocorreu de 1835 a 1845, na qual as elites políticas da província de São Pedro do Rio Grande do Sul se insurgiram contra o governo Imperial do Brasil. O resultado foi a declaração de independência da província como estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense.

⁶ A Guerra do Paraguai ocorreu de 1864 a 1870, travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai.

⁷ Apelido dado à cidade de Bagé.



reserva moral para o castilhismo (Boeira, 1980, p. 38-59). A moral, a rigidez, o autoritarismo e a disciplina constituíam os aspectos que uniam os três tipos de Positivismo, fundindo-os em um único objetivo: organizar a sociedade mediante uma moral conservadora.

Clotilde de Vaux, musa de Auguste Comte, tornou-se a representação da mulher ideal difundida pela Religião da Humanidade e seus iniciados no Brasil, por ser tida como íntegra, pura, perfeita. Sua antítese era representada por Caroline Massin, prostituta com a qual Comte veio a contrair matrimônio. A primeira foi moldada a partir do arquétipo de *Maria, A Virgem*, e a segunda no de *Eva, A Pecadora*. Conforme os preceitos do Catolicismo, para a mulher seguir a nobre missão de difundir a fé católica deveria possuir moral inspirada no modelo da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, símbolo da mulher sem mácula que se dispôs a seguir os desígnios de Deus, sem nunca os questionar. Dessa forma, a Virgem Maria e Clotilde de Vaux eram modelos de perfeição e sacrifício feminino e, ao serem comparados, evidenciam pontos em comum, tanto em sua construção simbólica como na representação ou signo. Tais fatores comprovam que Comte foi influenciado pelo pensamento medieval católico, no que concerne a questões vinculadas à moral, organização da família e modelo de conduta de mulher, pois a Igreja foi a principal divulgadora e mantenedora de uma mentalidade de cunho machista e conservador (Ismério, 2018).

A educação feminina idealizada pelo positivismo era direcionada a torná-la uma perfeita rainha do lar. Para que as moças desempenhassem com maestria este papel, recebiam conhecimentos básicos em casa, transmitidos por suas mães. Deveriam dedicar-se principalmente às chamadas prendas domésticas, como costurar, bordar, fazer rendas e serviços da casa. Nas escolas aprenderiam conteúdos ofertados no currículo normal, além de tocar instrumentos musicais, como violino, acordeon e piano. Muitas escolas no Rio Grande do Sul da época criaram programas especiais para preparar as jovens casadouras. À mãe era atribuída a educação dos filhos, um compromisso assumido no casamento, segundo as concepções de condutas morais que seguiam a filosofia positivista. Os iniciados na doutrina reforçavam constantemente a importância dessa missão feminina: preparar as meninas para serem futuras mães, e os meninos para se tornarem grandes homens e futuros gênios.

As mulheres deveriam educar seus filhos nos princípios da moral e do civismo, tendo como base a História, a "grande mestra da vida", pois os vultos do passado, heróis e grandes homens, serviam como exemplos de vida e de conduta para novas gerações. A esses homens eram construídos monumentos e túmulos, com o objetivo de preservar sua memória e educar os jovens e toda a sociedade, por meio da estatuária fachadista e funerária. A retórica de que a mulher é uma educadora por natureza também era assimilado e difundido pelas intelectuais, que consideravam tratar-se a tarefa de ensinar sua grande missão. Não bastava apenas ter filhos e criá-los, deveriam educá-los para a vida e para a pátria. Se seu dever fosse bem executado receberia em troca a satisfação e o reconhecimento. Segundo a escritora Virginia de Castro e Almeida: "A nossa missão é preparar a criança para a vida, se estivermos habilitadas a educar uma criança seremos moral e intelectualmente perfeitas e teremos cumprido o nosso destino".⁸

⁸ ALMEIDA, Virgínia de Castro e. A missão da Mulher. *A Federação*, Porto Alegre, ano 34, n. 145, p. 1, 23 jun. 1917. Acervo Arquivo Histórico de Porto Alegre.



Ao mesmo tempo em que elegeu a mulher sua grande guardiã, o discurso positivista reforçou a mentalidade baseada na moral conservadora, tendo como objetivo tirar a mulher do campo profissional e científico, enclausurando-a em sua casa, alegando que era irracional e não tinha controle de seus impulsos. Somente presa ao lar e tutelada pelo homem poderia exercer uma influência positiva (Ismério, 2018).

O Positivismo atuou como agente moralizador da sociedade. Ao mesmo tempo, foi seu reflexo, à medida que os símbolos que impunha convergiam em uma mentalidade conservadora, mantida pela tradição judaico-cristã. Ao homem era atribuída superioridade e o reinado do espaço público, enquanto a mulher representava a inferioridade, por sua propensão à leviandade. Uma vez que suas raízes eram fundamentadas no arquétipo primordial de Eva, ela devia ser mantida no espaço privado, para resguardar sua pureza. Por outro lado, a sociedade era heterogênea, e uma parcela significativa não comungava desses pressupostos, impostos por conservadores positivistas e católicos (Ismério, 2007).

Dentre as muitas professoras que atuaram na educação dos rio-grandenses, havia aquelas que usaram o magistério para difundir seus ideais e questionar os valores tradicionais. Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951), conceituada educadora rio-pardense, ficou conhecida por sua atuação política de oposição ao governador do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos (entre 1893 e 1898). Formou-se na Escola Normal de Porto Alegre em 1881, foi professora do Estado e, quando saiu do ensino público devido às divergências políticas, fundou com suas irmãs o Colégio Amaral Lisboa, em sua cidade natal. Escreveu poesias, artigos para jornais e peças de teatro, como *A culpa dos pais e Festinhas e Teatro* (Flores, 1994).

Andradina de Oliveira é outro exemplo de intelectual que se dedicou a questionar os padrões morais positivistas. Nascida em Porto Alegre em 12 de julho de 1864, ao enviuar do Alferes Augusto Martiniano de Oliveira mudou-se com os dois filhos para Pelotas e, depois, para a cidade de Rio Grande, onde atuou como professora e literata (Flores *apud* Oliveira, 2007). Em 2 de janeiro de 1898 criou o *Escrínio*, jornal literário, artístico e noticioso, em Bagé. Posteriormente o periódico foi publicado nas cidades de Rio Grande, Santa Maria e Porto Alegre, onde encerrou sua atuação em 25 de junho de 1910. Foi em Bagé, município caracterizado pela tradição predominantemente conservadora, que sua posição feminista tomou voz nas páginas do semanário *Escrínio*, ao propor um protagonismo e emancipação feminina, ao abordar os mais variados temas sociais, políticos e literários. Em seu primeiro número, o jornalista e médico homeopata italiano Ferdinando Martino, radicado em Bagé, escreve sobre a importância do periódico, ao analisar o significado de seu nome: “Escrínio é um cofre de papéis, escrivania, secretaria, etc., porém o título do presente hereditário eu traduzo como um cofre de inteligência, um cofre de produções belíssimas, filhas do gênero sempre inspirado de D. Andradina de Oliveira”.⁹

Andradina de Oliveira se notabilizou como escritora, dramaturga, conferencista e feminista assumida. Foi também autora de diversos livros, como: *O sacrifício de Laura* (1891), *Preludiando* (1897), *Almanaque literário e estatístico* (1899), *Você me conhece?* (1899), *A*

⁹ O *Escrínio*. Bagé, ano I, p. 2, 2 jan. 1898. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

mulher rio-grandense (1907), *Cruz de pérolas* (1908), *O perdão* (1910) e *Divórcio?* (1912). Pelo reconhecimento de sua obra, foi homenageada como patrona da cadeira número onze da Academia Literária Feminina de Letras do Rio Grande do Sul (ALFRS), fundada em Porto Alegre, em 1943.

A construção e as representações dos personagens femininos

Para Pérez Gómez, o ensino superior deve ser pautado pela alternância entre teoria e prática, para proporcionar aos acadêmicos uma formação capaz de propiciar autonomia e empoderamento, uma vez que: “o objetivo-chave da educação e do ensino é provocar nele o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos e atitudes que lhe permitam se desempenhar por si mesmo no meio em que vive” (Pérez Gómez, 1998, p. 72-73).

Segundo essa concepção, é necessário que, na academia, para além dos conteúdos específicos de cada curso, sejam oferecidos projetos voltados à Educação Patrimonial, para uma aquisição de “conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando para melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 6). O processo pedagógico desenvolvido sob a perspectiva da Educação Patrimonial permite aprofundar a “herança cultural, resgatando ou reforçando a autoestima e a capacidade de identificação dos valores culturais” (Horta, 2000, p. 35).

Segundo essa perspectiva, foi desenvolvido no município de Bagé o projeto cultural denominado *Sarau Noturno* em 2008, decorrente do Projeto *História através da Arte Cemiterial*. Este último foi implementado no Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp). A partir da ideia de que esse cemitério consiste em uma “instituição cultural”, nesse espaço foi implantado um evento cultural para contar a história de Bagé e de seu imaginário simbólico, mesclando passagens e personagens da literatura romântica. Assim, foi construído um roteiro de apresentação, iniciado no portão central e com percurso pelos principais túmulos e mausoléus. Ao longo do processo de pesquisa e construção textual para elaboração do evento, os estudantes de cursos de graduação da Urcamp conheceram a história local e as representações simbólicas atribuídas à arte cemiterial.

Com base nesse argumento foram construídas as personagens femininas do *Sarau Noturno*, a partir das referências históricas locais, da literatura universal e das imagens que compõem o acervo do Cemitério da Santa Casa de Bagé. O objetivo consistiu em refletir sobre os modelos femininos positivistas e as mulheres que romperam com os padrões impostos pela sociedade. Uma personagem escolhida para compor o roteiro do *Sarau Noturno* foi George Sand, pseudônimo de Amantine-Aurore-Lucile Dupin, Baronesa de Dudevant, famosa romancista francesa, que viveu de 1804 a 1876, cuja produção literária acerca da luta pela liberdade e pelos direitos femininos marcou o cenário europeu. Como destacam Patrícia Costa e Germana Sousa, George Sand:

escreveu de forma contínua entre 1830 e 1876 diversos gêneros literários: romances campestres, socialistas e sentimentais, contos, peças de



teatro, artigos críticos publicados em jornais e ensaios políticos, textos autobiográficos e diversas correspondências. A escrita de Sand é um marco na história do romantismo francês, sendo referência em relação aos direitos da mulher, especialmente no tocante ao prazer, e à igualdade de direitos com relação aos homens (Costa; Sousa, 2015, p. 260).

Sand foi uma mulher adiante de eu tempo pelo posicionamento político, produção literária e estilo de vida. Dessa forma, representou a luta pelos ideais femininos. Por tais características, ela foi incluída no roteiro do *Sarau Noturno*, no qual atua como mestre de cerimônias que acolhe o público, apresenta a proposta do evento e convida a percorrer as ruelas do cemitério (ver imagem da sua representação na figura 1):

Figura 1. Representação de George Sand no Sarau Noturno de 2016



Fonte: Fotografia de Glauber Pereira

*Boa noite! Que bom recebê-los em nossa casa.
Vamos então iniciar o nosso Sarau Noturno, um evento cultural que tem como proposta a valorização da arte cemiterial.
Essa noite conhecerão a história de heróis, musas, homens e mulheres que com seus feitos fizeram diferença.
História que é contada através de mausoléus, túmulos, estátuas e símbolos.
São narrativas de homens, mulheres e crianças...*

*Que um dia viveram, sofreram e morreram.
Alguns foram esquecidos...
Mas o que é o esquecimento?
O esquecimento é o verdadeiro sudário dos mortos.
Então...
Convido-os a se despir dos velhos jargões, mitos e preconceitos.
Para que tenham um outro olhar...
Vamos passear
Por este esplêndido museu a céu aberto! (Ismério, 2016, p. 98).*

Ao percorrer as vielas do cemitério, há vários túmulos ornamentados por imagens femininas de carpideiras ou pranteadoras, que representam a dor e a perda do ente querido. Eram mulheres pagas para chorar nos velórios e enterros. Seu pranto acarretava comoção. Essa foi uma das mais antigas profissões femininas, com referências em pinturas egípcias (presentes nos hipogeus, túmulos escavados nas encostas de montanhas) e relatos bíblicos. Por vezes, elas também personificam a lei da viuvez eterna preconizada pelos positivistas, na qual a mulher deveria permanecer fiel ao marido, cultuando-o e chorando eternamente a perda e a separação. As carpideiras são transformadas em viúvas eternas, para honrar e resguardar a moral da família (Ismério, 2018, p.70) e são encenadas no *Sarau Noturno* dessa forma (ver sua representação no Sarau na figura 2):

*Chora mulher,
Não tens mais amigos, parentes ou amores;
Estás só em sua dor,
Só lhe resta o pranto como consolo.
Chora mulher,
Tua dor vem da alma,
Tuas lágrimas formam rios de tormento.
Chora mulher,
Busca consolo através da eternidade.*

*As carpideiras são símbolos da dor.
Mulheres que vendiam seu pranto,
Para servir de consolo as famílias
E de sudário aos mortos.
Hoje encontram-se nos cemitérios do mundo,
Paradas, imóveis, como deusas de pedra.
São viúvas eternas que chorando
Zelam pela moral das famílias ilustres (Ismério, 2016, p. 101).*

Figura 2. Carpideiras no Sarau Noturno em 2008



Fonte: Fotografia de Tais Robaina Vidal (Ismério, 2016)

A carpideira aqui apresentada se situa diante do túmulo da família Tristão Riet e é interpretada por Ketherine Acosta, acadêmica do Curso de Jornalismo da Urcamp, integrada ao projeto desde 2017. Para ela, atuar no sarau contribuiu para sua formação como jornalista, por estimular a desinibição e o falar em público.¹⁰ Destaca a importância de vivenciar estas personagens desafiadoras:

Representar e declamar um texto sobre as carpideiras é algo maravilhoso. Como consequência eu comecei a estudar e descobrir mais sobre essas mulheres que usavam da dor para se sustentar. Analisar essas estátuas depois de descobrir o significado por trás delas é emocionante, pois tu vêes que elas não eram apenas para decorar um mausoléu. Todas elas tinham um significado para estar ali.¹¹

As representações femininas presentes no acervo escultural do Cemitério da Santa Casa de Caridade Bagé também personificam os modelos positivistas de rainha do lar e anjo tutelar. Ambas as figuras deveriam zelar pela moral da família, conservando sempre o estado puro, além da doação plena, anulando suas vidas. A gratificação seria ver os filhos crescidos, como cidadãos dignos. Como guardiã do lar, a mulher deveria orientar, proteger e consolar sua família, tanto nos momentos felizes como nos infelizes (Ismério, 2016, p. 61).

No *Sarau Noturno* as representações da rainha do lar e do anjo tutelar (ver figura 3) foram ressignificadas na fala de Ana Graciela de Freitas Silva que, no período, era acadêmica do Curso de Jornalismo da Urcamp, e também participou da construção do roteiro:

*Instintos são estes de obediência
Porque amar é obedecer
É preferir a vontade própria à vontade alheia*

¹⁰ Entrevista realizada por Clarisse Ismério a acadêmica de Jornalismo Ketherine Acosta, em 15 de maio de 2019, no Centro universitário da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, Rio Grande do Sul.

¹¹ Idem.

*É gozar da felicidade de ver os outros satisfeitos
Ela obedece espontaneamente
Porque obedece por amor e não por servilismo
Nenhuma mulher pode ser desviada para exercer qualquer função fora do lar
Sem prejuízo de seus deveres de filha, esposa e mãe.
Na sociedade organizada, o lugar da mulher é no lar.
Zelando sobre a saúde de seus entes queridos que a humanidade confiou a sua solicitude.*

Anjo na vida. Anjo na morte

Ele: o dono do mundo. Ela: escrava do lar. Afinal, por que Deus criou a mulher? Para que todos nós nascêssemos e fôssemos educados por ela. Com este pensamento, durante muitos e muitos anos, a mulher se manteve sob o domínio conservador de uma sociedade predominantemente machista.

Considerada a rainha do lar e o anjo tutelar, a mulher nascia com o destino predeterminado. Sua função era servir ao pai e aos irmãos e, mais tarde, ao marido.

Educada nas melhores escolas de prendas domésticas, ela não precisava compreender política ou economia, e sim, saber lavar, engomar e cozinhar, e o mais importante: ensinar as filhas o segredo de serem excelentes esposas e mães, e os filhos a sabedoria de grandes homens. Nada mais justo que elas fossem eternizadas em túmulos de cemitérios de todo o mundo. Na vida, zelavam pela moral e pelos bons costumes, e na morte, resguardavam a honra da família (Freitas, 2008 apud Ismério, 2016, p. 108-109).

Figura 3. Representações da rainha do lar e anjo tutelar nas apresentações de 2008 e 2017



Fonte: Fotografia Filipe Torres Péres. Acervo do Sarau Noturno.

O texto evidencia uma dicotomia entre os modelos femininos presentes na sociedade da época. A então acadêmica Graciela Freitas participou do processo de pesquisa e construção do evento, salientando que a experiência foi significativa e influenciou a escolha do tema de seu trabalho de conclusão de curso:

Eu integrei o primeiro grupo de estudos e atores do Sarau Noturno, em 2008. Uma experiência bastante interessante e inusitada, já que, ninguém jamais havia explorado o cemitério municipal da cidade como nós o exploramos naquele período: visitando, pesquisando, estudando e produzindo. À medida que o trabalho da professora Clarisse foi ganhando os noticiários, a população, curiosa, passou a conferir as noites de apresentação, onde recitávamos poemas criados por nós com base nos estudos. Em meio ao silencioso e misterioso cemitério, demos vida a personagens que constituíram a história de tradicionais famílias de Bagé, que por muitos são desconhecidas. A mim coube explicar o motivo de tantas imagens femininas que moldam os túmulos. A representação instigante da figura da mulher, talvez, antes da pesquisa da professora Clarisse, nunca tenha sido percebida com tanta importância que de fato tem. O Sarau Noturno e o acompanhamento junto ao grupo de pesquisa fez com que eu dedicasse meu trabalho de conclusão de curso ao tema da representação feminina e convidasse a professora Clarisse para orientação.¹²

No momento em que esse artigo é escrito, essa personagem é representada pela acadêmica do Curso de Direito da Urcamp, Amanda Antunes do Couto, que se emociona ao relatar a experiência vivenciada no projeto e o conhecimento propiciado pela personagem:

A minha experiência no sarau foi muito surpreendente, porque eu já esperava um meio de aprendizagem diferenciado, que iria proporcionar o desenvolvimento da minha oralidade e atenuar a timidez que falar em público acentua, mas o que eu encontrei lá foi muito mais do que isso e um exemplo disso foi que, eu aprendi a lidar com diferentes posicionamentos a partir da mesma afirmação, porque a fala de um personagem pode significar coisas diferentes e levar a sentimentos diferentes a partir da interpretação do ator, o que na minha formação dentro do curso de Direito, faz toda a diferença, nuances fazem a diferença na interpretação de um depoimento, essa experiência, certamente, vai me acompanhar e fazer parte do meu raciocínio no futuro.¹³

Personagens da literatura universal, como Ofélia da peça *Hamlet*, de William Shakespeare, e Lisístrata, de Aristófanes, emprestam suas vozes para as mulheres fortes do Sarau Noturno. Ofélia, jovem donzela que enlouquece e se suicida ao ser rejeitada por Hamlet

¹² Entrevista realizada pela autora Clarisse Ismério à Jornalista Graciela Freitas, em 20 de maio de 2019, no Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, Rio Grande do Sul.

¹³ Entrevista realizada pela autora Clarisse Ismério à acadêmica de Direito Amanda Antunes, Bolsista do CNPq, em 20 de maio de 2019, no Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, Rio Grande do Sul.

e pelo abalo a partir da morte do pai. O trecho apresentado no Sarau Noturno evidencia um misto de dor, consternação e desvario pela perda do ente querido (ver figura 4).

*E ele não voltará mais?
E ele não voltará mais?
Não, não está morto
Em leito de paz e conforto
Não voltará nunca mais.
Tinha a barba branca como a neve
Tinha a cabeça tão leve
Foi embora, foi embora,
É inútil nosso pranto
Que Deus o proteja, agora.
E para todas as almas cristãs, eu peço a Deus -
Deus esteja convosco (Shakespeare apud Ismério, 2016, p. 103-104).*

Figura 4. Ofélia nas apresentações do Sarau Noturno em 2010 e 2018



Fotografia: Fotografia de Tais Robaina e Felipe Peres. Acervo do Sarau Noturno

Apesar de o texto original shakespeariano apresentar Ofélia como figura frágil, ela se passa a ser forte, quando expressa a angústia das mulheres sufocadas e cerceadas pela tradição conservadora da sociedade, como observa Meire Lisboa Santos Gonçalves:

Ofélia é completamente circunscrita pelo poder patriarcal, reprimindo não apenas a sua sexualidade, mas também anulando a sua identidade, para construir e tomar como referência exclusivamente a vontade dos outros. Portanto, ela não teve oportunidade de florescer devido às excessivas pressões às quais é submetida e que culminam na perda de seu senso de realidade. Portanto, Ofélia assume o que é. Ela enlouquece por amor, enquanto Hamlet apenas finge. Ela tem a coragem de tirar sua própria vida, definindo sua personalidade forte, determinada e sem hesitações, enquanto Hamlet apenas cogita sobre isso. Ofélia fez o papel da donzela indefesa para que Hamlet pudesse brilhar na peça. Entretanto, é no seu silêncio que se percebe o valor da mulher (Gonçalves, 2011).

Citamos ainda a representação de Lisístrata, líder das mulheres atenienses na greve de sexo deflagrada contra a Guerra do Peloponeso. Ao quebrar o silêncio, expôs a diferença dos gêneros e a truculência masculina, na ótica da guerra.

Se pudesse ser tão breve quanto o desejaria, diante de ouvidos tão grosseiros, eu ficaria muda. Não serei tão breve enquanto possa. O fato é que, desde o início desta última guerra - eu nunca vi uma paz completa em toda minha vida -, vimos suportando, normalmente, isto é, em silêncio e humildade, como vocês inventaram que é próprio das mulheres, a tremenda estupidez das ações masculinas. As regras patriarcais impõem que a mulher não deva abrir a boca, ou melhor, só deve fazer isso silenciosamente, boquiabrindo-se de admiração diante dos atos de valor do amante, pai, marido, irmão. Qualquer macho que esteja a seu lado, pois mais estúpido, torto, vesgo ou covarde que seja. Que aplaudíamos a maneira como conduziram os acontecimentos. Ah, quanta insensatez, quanta cegueira! Muitas vezes ouvíamos vocês discutindo, decidindo a vida e a morte do povo, sorte e felicidade dos cidadãos. E os argumentos nos pareciam vistos pelo avesso e de cabeça para baixo. Arriscávamos então uma pergunta temerosa. Com o coração pesado, mas mantendo um sorriso indagávamos: "querido, na Assembleia, hoje, você falou alguma coisa pela paz? "Para que? A resposta vinha como um trovão, pois vocês sabem tudo. "Que é que você tem com isso? Isso é da sua conta? Onde é que se viu mulher imiscuir em interesses públicos? Cala a boca!" E adivinha o que fazíamos nós? Calávamos a boca (Aristófanes apud Ismério, 2016, p. 106-107).

Apresentar essa personagem tem o intuito de lembrar que, apesar da discriminação sofrida pelas mulheres nos períodos de guerra e, devido à ausência dos maridos e filhos, elas conseguiram fazer frente aos desafios, de modo a se tornarem protagonistas de seus destinos (ver figura 5). Na apresentação do Sarau Noturno, esta representação é equiparada ao ocorrido no período da Revolução Farroupilha (1835-1845), quando, devido à destruição e desequilíbrio



social, as mulheres decidiram romper com as regras impostas e substituíram seus maridos na liderança dos negócios e administração das estâncias. A autonomia e liderança, embora desafiadoras, forneceram as bases para as mulheres iniciarem o caminho de independência e auto realização, além de propiciar um desenvolvimento de uma profícua produção cultural e intelectual feminina (Flores, 1989).

Figura 5. Lisístrata, na apresentação do Sarau Noturno em 2009



Fonte: Fotografia de Leco Machado para a Revista Aplauso (2009).

Em 2009, a personagem Lisístrata era interpretada por Ana Carolina Kamphorst, estudante de Publicidade e Propaganda. Sua fotografia foi matéria de capa da Revista Aplauso¹⁴ de número 99, sob o título “Música e poesia no templo da morte”. Escrita pela jornalista, Niela Bittencourt, a reportagem destacou trechos do roteiro e curiosidades do Sarau Noturno. Segundo Ana Carolina, participar do Sarau Noturno foi gratificante e proporcionou crescimento pessoal:

A vivência do Sarau Noturno foi uma experiência gratificante, tendo me proporcionado um grande crescimento pessoal. Através da Arte Cemiterial e fundamentada em pesquisas realizadas pelo grupo, a encenação contou a história de algumas famílias de Bagé. A peça foi um evento cultural que uniu diversas formas de arte, como música, teatro e literatura, tendo se caracterizado como uma atividade diferenciada que propiciou a todos os envolvidos momentos de informação e lazer.¹⁵

Em 2019 essa personagem foi vivida pela acadêmica do curso de Direito Geovana Lucas Camargo, que descreve a importância de representar a voz de uma figura que denuncia

¹⁴ A Revista Aplauso era voltada para a divulgação e debate da cultura no Rio Grande do Sul e Brasil. Publicada e impressa pela Via Design. BITTENCOURT, Niela. Música e poesia no templo da morte. Aplauso – Cultura em revista. Porto Alegre, ano 11, n. 99, p. 30-35, 2009.

¹⁵ Entrevista realizada pela autora Clarisse Ismério à publicitária Ana Carolina Kamphorst Antunes, em 23 de maio de 2019, no Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, Rio Grande do Sul.

a opressão masculina. Os ensinamentos adquiridos podem contribuir para sua atuação futura como operadora do direito:

O cemitério de Bagé dá vida a nossos personagens, Lisístrata é uma mulher forte que fala sobre a verdade de um mundo machista e opressor. Vejo desde o início o quanto já agregou em minha formação fazer parte, irá contribuir tanto em aspectos culturais e intelectuais quanto na fala, espontaneidade (muito importante principalmente para o curso de Direito) e com certeza o aprimoramento principal é no sentido sociocultural que rege diversas áreas da vida e do conhecimento. Estou muito feliz em fazer parte do Sarau Noturno e grata pela contribuição que o mesmo faz e fará na minha formação.¹⁶

A partir dos depoimentos aqui apresentados, é possível afirmar que a dramaticidade das personagens inspira e instiga as acadêmicas que as interpretam. Tais falas evidenciam a importância do Sarau Noturno no processo de formação cultural e pessoal das alunas, pois propicia um desenvolvimento de competências e de habilidades que estimulam as capacidades de protagonismo e autonomia.

Considerações finais

O Sarau Noturno, iniciado em 2008, é um evento cultural construído segundo a metodologia da educação patrimonial, para contar a história da cidade de Bagé sob a perspectiva da arte cemiterial e valorizar seu patrimônio cultural. Mas, além da sua proposta principal, o evento proporciona uma reflexão sobre outros temas, dentre os quais a condição da mulher da antiga Bagé, sob a ótica do positivismo do Rio Grande do Sul. Conforme o ideário positivista, a mulher foi transformada na grande guardiã, musa inspiradora, anjo tutelar, tanto da família como do Estado. Ela também deveria guardar a honra da família e inspirar os homens a serem cidadãos participativos. Tais características são representadas pelas carpideiras, anjas e alegorias da saudade e heroísmo presentes na maioria dos túmulos. Clio, musa da história que guarda os livros que contam a vida do General Netto, na Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai. Nesse contexto, a figura feminina ocupa o lugar de guardiã da história e da tradição.

Por outro lado, existiram mulheres que foram protagonistas de suas histórias, com destaque como professoras e escritoras. Tais mulheres são exemplos de determinação, luta e pioneirismo. As histórias dessas mulheres são lembradas por personagens fortes, como Ofélia e Lisístrata. No Sarau Noturno, as acadêmicas de vários cursos da Urcamp emprestam suas vozes para dar vida a essas importantes personagens femininas que marcaram nossa história. O cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé transforma-se, assim, em um grande livro de história, cujas representações escultóricas salientam os modelos femininos preconizados pelo positivismo no Rio Grande do Sul. Dessa forma, reafirma-se sua importância como espaços culturais de memória.

¹⁶ Entrevista realizada pela autora Clarisse Ismério a acadêmica de Direito Geovana Lucas, em 26 de maio de 2019, no Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, Rio Grande do Sul.



Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. v. 2. 670 p.
- BASTIANELLO, Eliane Maria Tonini. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)*. Dissertação (Mestrado do Programa em Memória e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. 169 p.
- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DANACAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 34-59.
- BOUCINHAS, Cláudio. *A História das Charqueadas de Bagé (1891 – 1940) na literatura*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. 288 f.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara; BASTIANELLO (†), Elaine Maria Tonini. São Martins: um cemitério periférico, (des)conhecido na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul (cronologia e morfologia, características sociais e culturais). *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 378-404, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9046/7776>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- COSTA, Patrícia Rodrigues; SOUZA, Germana Henriques Pereira de. George Sand no Brasil. *Belas Infiéis*. Brasília, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11329>. Acesso em: 6 set. 2019.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Sociedade: Preconceitos e Conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. 133 p.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. Ana Aurora do Amaral Lisboa: Educadora e Política. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org.). *Vidas e Costumes*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994. p. 143-146.
- GONÇALVES, Meire Lisboa Santos. A mulher Ofélia – Um contraste entre o natural e o social. *Vertentes*. São João el-Rei, v. 19, n. 2, s. p., 2011.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Fundamentos da educação patrimonial. *Ciências e Letras*. Porto Alegre, n. 27, 2000, p. 25-35.
- HORTA, Maria de Lourdes, GRUMBERT, Evelina; MONTEIRO, Adriane Gia Bário. *Guia Básico da Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, 1999. 65 p.
- ISMÉRIO, Clarisse. As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930). *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Dourados, v. 1, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/484/353>. Acesso: Acesso em: 11 ago. 2019.
- ISMÉRIO, Clarisse. Os símbolos e representações femininas da arte cemiterial no período republicano do Rio Grande do Sul/Brasil (1889-1930). *Revista Grafia*. Bogotá, v. 13, n. 2, p. 48-65, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/>

[view/671/623](#). Acesso em 01 de setembro de 2019.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. 2ª ed. Bagé: Ediurcamp, 2018. 100 p. Disponível em: <<https://www.urcamp.tche.br/pesquisa-e-extensao/ediurcamp/livros/mulher-a-moral-e-o-imaginario>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

LIEMESZEKI, Cláudio Leão. *Bagé: Relatos de sua história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. 140 p.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado as crianças*. 2. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993. 350 p.

OLIVEIRA, Andradina América de Andrada de. *Divórcio?* Porto Alegre: Ediplat; 2007. 175 p.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 152 p.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, José; PÉREZ GÓMEZ, Angel. (orgs.). *Compreender e transformar o ensino*. 4ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998. p. 10-26.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. 136 p.

QUEIROZ, Francisco. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. *Anuário 21 Gramas*. [S. l.], n.º 1, p. 7-12, 2008. Disponível em: http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios_historicos_Potencial_Turistico_Portugal_%20versao_21_gramas.pdf. Acesso em: 31 maio 2016.

SOARES, Fernanda Codevilla. *Santa Thereza: Um estudo sobre as Charqueadas da Fronteira Brasil – Uruguai*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006. 118 p.

TABORDA, Tarcísio Antônio. *Bagé de ontem e de hoje: coletânea de artigos publicados na imprensa (1939 - 1994)*. Bagé: Ediurcamp, 2015. 630 p.

Recebido em: 30 de setembro de 2019

Aprovado em: 5 de novembro de 2019

